

Educação à deriva

Antonio Luiz
Mendes de Almeida *

Asobra de quarenta por cento das vagas do vestibular da Cesgranrio, as reclassificações sucessivas das universidades públicas, a grande queda de demanda nos estabelecimentos particulares são sinais alarmantes e que estão a exigir a atenção dos educadores e da sociedade. Tais fatos demonstram, *a priori*, que não só o ensino superior vem perdendo seu charme como as dificuldades econômicas afastam o possível candidato dos bancos universitários, refletindo a evasão dos graus anteriores. Um perfunctório levantamento indica que caiu, entre 1990 e 1992, em cinquenta por cento o número de inscrições nos exames seletivos das entidades privadas, muitas não completando seu efetivo e, contudo, não se elevou na mesma proporção a busca das instituições gratuitas. A se confirmar a projeção já se concretizando com o cancelamento de vários cursos, em dois anos, as faculdades particulares terão uma clientela bastante reduzida, o que, ao menos, deverá provocar a competição pela qualidade para poder atrair o aluno. Pode ser bom este aspecto, mas o quadro é preocupante tendo em vista que estamos deixando de formar os contingentes necessários ao nosso tão almejado desenvolvimento, por descumprimento, por aperto financeiro, por falta de primeiro e segundo graus competentes e, fundamentalmente, pela ausência de política correta.

A educação não mais motiva e não dá certeza de ascensão social. A corrupção e a impunidade indicaram caminhos e atalhos facilitados ou o esforço de sobreviver não permite "desperdiçar" horas na escola. A situação inquietante e as consequências serão desastrosas, com prejuízos irreparáveis. As autoridades, os educadores privados, os professores precisam sair de suas redomas, modificar a postura arrogante por vezes, abandonar o discurso fofo e enfiar a realidade feia e assustadora. Basta um dado. Os cursos de licenciatura (história, geografia, letras, matemática etc.) estão fechando, provocando indagações óbvias: Quem irá ensinar amanhã, se o hoje já é de baixa qualificação? Que professores terão nossos filhos se o magistério se tornou uma carreira maldita? Os projetos em educação querem um período longo de maturação e não podemos esperar que a catástrofe anunciada se realize para tomar medidas. A reação é agora e exige a colaboração de todos os que não devem permanecer inertes, assistindo, impávidos, à ruína da educação.

Sem educação estaremos condenados ao subdesenvolvimento irremediável e, pelo que as evidências indicam, parece ser este o desejo de alguns. Quando vemos reivindicações descabidas, decisões absurdas, leis espúrias; dirigentes incapazes, ranger de dentes entre os membros da comunidade acadêmica, greves rotineiras, consolida-se a triste impressão de que será muito

difícil alterar o destino escuro que estamos traçando, com requintes de perversidade, para as gerações que nos sucederão, deixando-lhes a herança de nossa ganância ou incompetência.

Como chegaremos à virada do século? Que recursos humanos — e são os únicos inesgotáveis — teremos se insistirmos em destruí-los pela nossa inércia e incapacidade? Que tecnologia, que meta, que esperanças? O que seremos?

Cabe, ainda, alertar que o declínio da procura dos estabelecimentos particulares, principalmente nos cursos universitários, está obrigando, desde logo, a uma reflexão madura do setor sobre seus rumos. A perdurar a crise, as primeiras escolas a desaparecerem serão as grandes e boas, seguindo-se as pequenas boas e, depois, as grandes ruins, restando, tão-somente, as pequenas ruins, ou seja, aquelas que não investem, que pagam salários pelo piso, que não têm qualquer preocupação educacional.

Nossa educação se cingirá à rede pública falida e aos aventureiros particulares sem qualquer compromisso a não ser o do lucro fácil. Os números deste semestre apontam, sem dúvida, para esta situação sombria e será preciso muita criatividade para alterar o quadro, o que, fechando o círculo perverso, somente ocorrerá com o revigorecimento da educação, possibilitando reverter a recessão e quebrar os grilhões de uma economia inflacionada pela formação de mão-de-obra qualificada significando maior produtividade.

Com o intuito de abrir o debate, e ferir o imobilismo, envolvendo a sociedade para a tarefa ingente de redimir a educação, desenham-se, de pronto, projetos inadiáveis: a) Diminuição do analfabetismo (adulto alfabetizado produz rentabilidade imediata), atividade transitória destinada a reduzir consideravelmente a taxa atual com a colaboração de associações de classes, empresas, quartéis, fábricas, igrejas etc.; b) Dar prioridade ao ensino básico, tornando-o mais atraente, atual e produtivo, reescalando-o em módulos de dois anos; c) Incentivar as escolas técnicas e ponderar-lhes o currículo; d) Redimensionar a universidade, seus cursos e sua atuação, seu papel, sua importância; e) Valorizar o magistério, aprimorando-lhe *pari et passu* a formação. Precisamos de professores que conheçam, respeitem e estimem a comunidade e cultura de onde provêm seus alunos; f) Estimular e aumentar os programas não formais de desenvolvimento dos recursos humanos indispensáveis ao crescimento da pessoa, das empresas, do país.

Sem investimentos não há educação e sem educação nada vale investir.

* Vice-presidente do Conjunto Universitário
Cândido Mendes